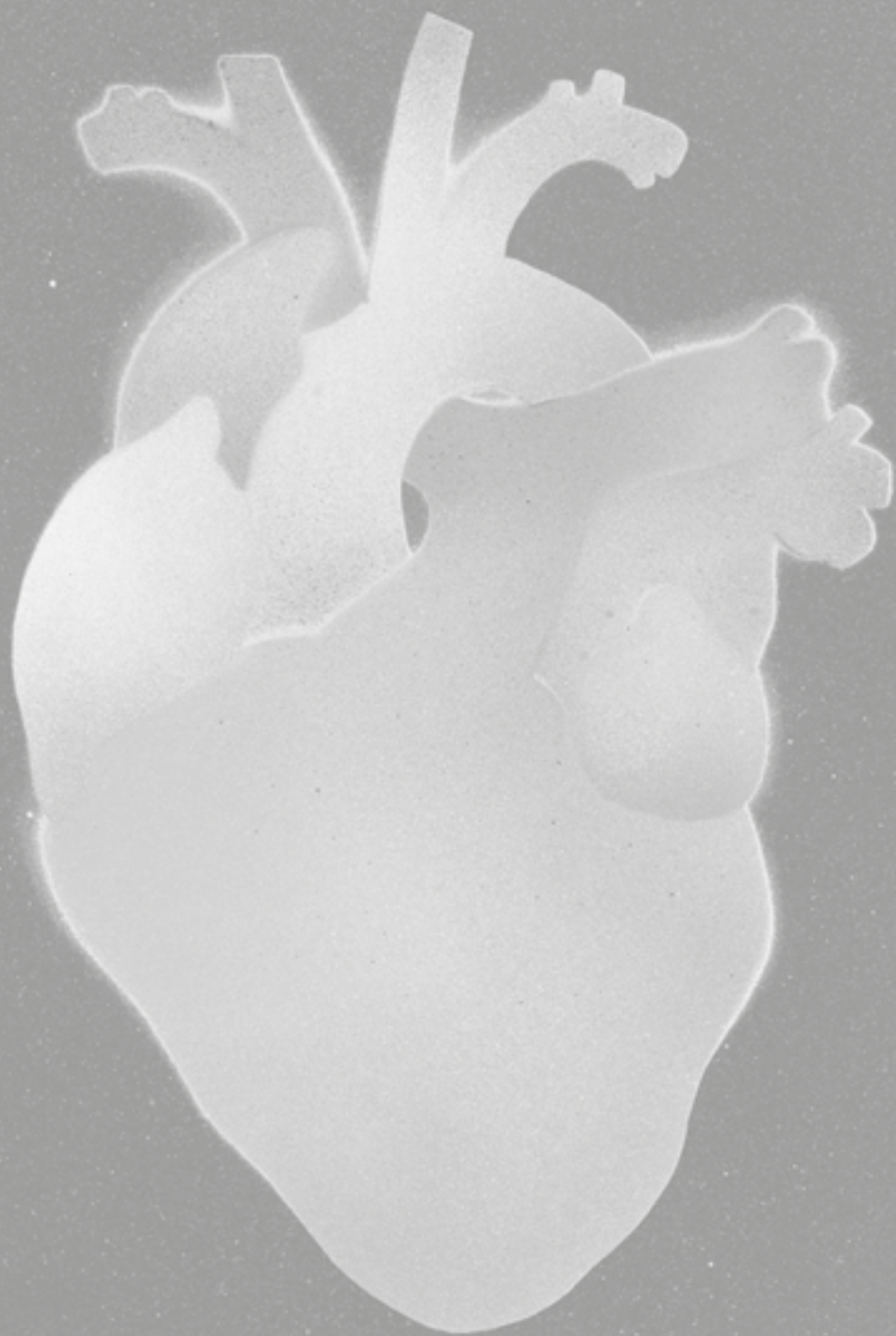


CAMILLE DEANGELIS



ATE  
AOS  
OSSOS

SUMA  
de letras



*Para Kate Garrick*

Um dia acordarei para descobrir que construíram  
um labirinto à minha volta e ficarei aliviada.

# 1

A Penny Wilson queria um bebê seu da pior maneira. É o que imagino, pois deveria apenas tomar conta de mim durante hora e meia e era óbvio que o amor que me devotava era um pouco exagerado. Deve ter sussurrado uma canção de embalar, acariciado cada um dos dedinhos das minhas mãos e dos meus pés, beijado as minhas faces e acariciado a minha cabeça, soprado o meu cabelo como se pedisse um desejo à bola de sementes de um dente-de-leão. Eu já tinha dentes, mas era muito pequena para engolir os ossos, de modo que, quando a minha mãe chegou a casa, encontrou-os num montinho na alcatifa da sala.

Da última vez que a minha mãe vira a Penny Wilson, ela ainda tinha cara. Sei que a minha mãe gritou, porque qualquer pessoa faria o mesmo. Quando eu já era mais crescida, confessou-me que pensava que a minha *babysitter* fora vítima de um culto satânico. Já se deparara com coisas mais estranhas nos subúrbios.

Não era um culto. Se fosse, ter-me-iam arrebatado e feito coisas indescritíveis à minha pessoa. Ali estava eu, adormecida no chão, ao lado do monte de ossos, com as lágrimas ainda a secar nas faces e sangue em redor da boca. Nessa altura já sentia aversão por mim própria. Não me lembro de nada disto, mas sei.

Mesmo quando a minha mãe reparou no sangue que manchava a parte da frente do meu macacão da *OshKosh*, mesmo quando se apercebeu de que havia sangue no meu rosto, não o viu. Quando me entreabriu os lábios para meter entre eles o indicador — as mães são as criaturas mais corajosas e a minha é a mais corajosa de todas — encontrou uma coisa dura entre as minhas gengivas. Retirou-a e espreitou. Era o martelo do tímpano da Penny Wilson.

A Penny Wilson vivera no nosso complexo de apartamentos, do outro lado do pátio. Vivera sozinha e trabalhara aqui e ali, de modo que ninguém lhe sentiria a falta durante vários dias. Foi essa a primeira vez que tivemos de agarrar nas coisas para nos mudarmos a toda a pressa e, muitas vezes, pergunto a mim mesma se, nessa altura, a minha mãe tinha uma vaga noção de como se tornara eficiente. Na última vez que nos mudámos, arrumou tudo em doze minutos certos.

Há não muito tempo, perguntei-lhe pela Penny Wilson: *Como era ela? De onde era? Que idade tinha? Lia muitos livros? Era simpática?* Estávamos dentro do carro, mas não a caminho de uma nova cidade. Nunca falávamos acerca do que eu fizera logo depois de o ter feito.

— Porque é que queres saber tudo isso, Maren? — perguntou com um suspiro, esfregando os olhos com o polegar e o indicador.

— Porque quero.

— Era loura. Tinha cabelo louro, comprido e usava-o sempre solto. Ainda era jovem... mais jovem do que eu, mas não creio que tivesse muitos amigos. Era muito calada. — Depois a voz da minha mãe emperrou numa recordação indesejada. — Lembro-me de como a expressão dela se iluminou quando lhe perguntei se podia tomar conta de ti nesse dia. — Parecia zangada e limpou as lágrimas com as costas da mão. — Vês? Não vale a pena pensar nessas coisas quando nada se pode fazer para as mudar. O que está feito está feito.

Pensei por um instante.

— Mãe?

— Sim?

— O que fizeste com os ossos?

Ela demorou tanto tempo a responder que comecei a recear a resposta. Afinal de contas, havia uma mala que sempre nos acompanhava, mas que eu nunca a vira abrir. Por fim disse-me:

— Há coisas que nunca te contarei, por muito que me peças.

A minha mãe era boa para mim. Nunca disse coisas como *o que fizeste* ou *o que és*.

A minha mãe foi-se embora. Levantou-se ainda era escuro, enfiou umas coisas dentro de uma mala de viagem, meteu-se no carro e partiu. A minha mãe já não gosta de mim. Como poderia censurá-la, se nunca tivesse gostado?

Em determinadas manhãs, quando já estávamos num sítio há tanto tempo que quase nos começávamos a esquecer, ela acordava-me com uma canção do filme *Serenata à Chuva*.

— *Good morning, good moooooooooorning! We've talked the whole night through...*

Só que ela parecia sempre um pouco triste quando a cantava.

No dia 30 de maio, quando fiz 16 anos, a minha mãe entrou a cantar. Era sábado e tínhamos combinado um dia cheio de diversão. Abracei-me à almofada e perguntei:

— Porque é que cantas sempre assim?

Ela abriu as cortinas de par em par. Vi-a fechar os olhos e sorrir para a luz do sol.

— Assim, como?

— Como se preferisses ter ido para a cama a uma hora razoável.

Ela riu-se, deixou-se cair aos pés da minha cama e afagou-me o joelho por cima do edredão.

— Parabéns, Maren! — Havia muito tempo que não a via tão feliz.

Enquanto comia as panquecas com pepitas de chocolate, levei a mão ao saco com o presente, e retirei de lá um livro grosso — *O Senhor dos Anéis*, os três volumes num só — e um cartão-oferta da Barnes & Noble. Passámos grande parte do dia na livraria. Nessa noite, a minha mãe levou-me a um restaurante italiano, um *verdadeiro* restaurante italiano, onde os empregados e o *chef* falavam uns com os outros na sua língua materna, as paredes estavam

cobertas de antigas fotografias de família a preto-e-branco, e que servia um *minestrone* que nos manteria saciadas durante vários dias.

O ambiente era escuro e aposto que me lembrarei para sempre da forma como a luz da vela dentro do copo de vidro vermelho cintilava no rosto da minha mãe de cada vez que levava aos lábios a colher da sopa. Falámos de como as coisas corriam na escola, de como as coisas corriam no trabalho dela. Falámos acerca da minha ida para a faculdade. Do que eu gostaria de estudar, do que eu gostaria de ser. Chegou um suave quadrado de *tiramisu* com uma vela espetada e todos os empregados cantaram, mas em italiano: *Buon compleanno a te*.

Depois levou-me a ver o *Titanic* no cinema onde passavam filmes já antigos e, durante três horas, perdi-me na história, como o poderia ter feito num dos meus livros preferidos. Eu era bonita e corajosa, destinada a amar e sobreviver, a ser feliz e a ter recordações. A vida real não guardava nada disso para mim, mas na agradável escuridão daquele decrépito cinema, esqueci-me de tudo isso.

Caí na cama, exausta e satisfeita, pois, na manhã seguinte, poderia banquetear-me com os restos e ler o meu livro novo. Porém, quando acordei, o apartamento estava em perfeito silêncio e não senti o aroma a café. Alguma coisa não estava bem.

Saí para o corredor e encontrei um bilhete na mesa da cozinha:

*Sou tua mãe e adoro-te, mas já não posso fazer isto.*

Ela não podia ter ido embora. Nem pensar. Como tivera coragem?

Olhei para as minhas mãos, palmas para cima, palmas para baixo, como se não me pertencessem. Já nada era meu: nem a cadeira onde me afundava, nem a mesa onde pousava a testa, nem a janela através da qual olhava. Nem sequer a minha mãe.

Não compreendia. Havia mais de seis meses que não fazia aquela coisa má. A minha mãe estabelecera-se no seu novo emprego e gostávamos do apartamento. Nada disto fazia sentido.



Corri ao quarto dela e encontrei os lençóis e o edredão ainda na cama. Também deixara outras coisas. Na mesa de cabeceira, livros de bolso que ainda não lera. Na casa de banho, frascos quase vazios de champô e loção para as mãos. Blusas, as não-tão-bonitas, ainda estavam penduradas no armário, nos cabides de metal baratos que vêm da lavandaria. Sempre que mudávamos de casa deixávamos coisas deste género, mas agora era eu uma das coisas que ela deixara para trás.

Voltei para a cozinha a tremer e reli o bilhete. Não sei como se consegue ler nas entrelinhas quando há apenas uma frase, mas eu fui capaz de ler tudo o que ela dizia de forma bem clara:

*Não posso continuar a proteger-te, Maren. Principalmente quando deveria estar a proteger o resto do mundo, em vez disso.*

*Se soubesses quantas vezes pensei em denunciar-te, para que te prendessem e não pudesses voltar a fazê-lo...*

*Se soubesses quantas vezes me odiei por te ter trazido a este mundo...*

Só que eu sabia. E deveria ter tido essa perceção quando ela me levou a sair no dia do meu aniversário, pois foi demasiado especial para não ser a última coisa que faríamos juntas. Foi assim que planeou as coisas.

Sempre fui um peso para ela. Um peso e um horror. Tudo o que fez, durante todo este tempo, foi por ter medo de mim.

Sentia-me estranha, com um zumbido nos ouvidos, como quando há demasiado silêncio, só que era como se encostasse a cabeça ao sino de uma igreja que acabara de tocar.

Depois, reparei que havia algo mais sobre a mesa. Um envelope branco, muito grosso. Não precisei de o abrir para saber que dentro dele havia dinheiro. Senti o estômago às voltas. Levantei-me e saí da cozinha aos tropeções.

Depois fui para a cama dela, enfiei-me debaixo do edredão e enrosquei-me o mais que podia. Não sabia que mais fazer. Queria dormir para que tudo desaparecesse, para acordar e encontrar tudo

bem, mas sabem como é quando queremos desesperadamente voltar a adormecer e não conseguimos. Quando queremos desesperadamente *o que quer que seja*.

Passei o resto do dia aturdida. Nem abri *O Senhor dos Anéis*. Não li mais nada senão as palavras daquele recado. Mais tarde levantei-me e andei pela casa, demasiado enjoada até para pensar em comer o que quer que fosse e, quando escureceu, fui para a cama e fiquei acordada horas a fio. Não queria estar viva. Que tipo de vida poderia eu ter?

Não podia dormir num apartamento vazio. Também não podia chorar, porque ela não me deixou nada sobre que chorar. Se fosse algo de que gostava, levaria-o consigo.

A Penny Wilson foi a minha primeira e última *babysitter*. A partir daí, a minha mãe pôs-me no infantário, onde os empregados estavam cheios de trabalho e eram mal pagos e nunca havia o perigo de alguém engraçar comigo.

Durante anos, nada aconteceu. Eu era uma criança modelo, silenciosa e sossegada, desejosa de aprender e, com o passar do tempo, a minha mãe convenceu-se de que eu não fizera aquela coisa horrível. As recordações distorcem-se, para se transformarem em verdades com as quais é mais fácil viver. *Fora* um culto satânico. Tinham assassinado a minha *babysitter*, tinham-me banhado em sangue e dado um tímpano para chupar. A culpa não era minha — não tinha sido eu. Eu não era um monstro.

Por isso, tinha eu 8 anos, a minha mãe mandou-me para um acampamento de verão. Era um daqueles lugares em que rapazes e raparigas vivem em cabanas nas margens opostas de um lago. Também ficávamos separados no refeitório e mal nos permitiam brincar juntos. Durante a hora de trabalhos manuais, as raparigas faziam porta-chaves e pulseiras da amizade e, mais tarde, aprendemos a juntar lenha para fazer fogueiras, embora nunca

as acendêssemos depois de escurecer. Dormíamos em beliches, oito raparigas em cada cabana, e todas as noites, antes de irmos para a cama, a monitora inspecionava-nos as cabeças, por causa das carraças.

Todas as manhãs íamos tomar banho ao lago, mesmo nos dias nublados em que a água estava fria e escura. As outras miúdas metiam-se na água só até à cintura e esperavam apáticas, na parte menos funda, a campainha para o almoço.

Mas eu nadava bem. Sentia-me viva na água fria e escura. Nalgumas noites até adormecia com o fato de banho vestido. Uma manhã, decidi atravessar o lago até à margem dos rapazes, só para dizer que o tinha feito. Por isso continuei a nadar desfrutando da sensação dos meus membros a cortar a água revigorante, quase sem me dar conta dos apitos do salva-vidas mandando-me voltar para trás.

Detive-me a apreciar os meus progressos e foi então que o vi. Devia ter tido a mesma ideia de chegar à margem das raparigas.

— Olá — exclamou.

— Olá — respondi.

Ficámos a boiar a cerca de cinco metros um do outro. As nuvens agitavam-se lá em cima. A chuva começaria a cair a qualquer momento. Os salva-vidas apitavam furiosamente em ambas as margens. Aproximámo-nos um pouco mais, o suficiente para estendermos um braço e fazer com que as pontas dos nossos dedos se tocassem. Ele tinha cabelo ruivo e tantas sardas como eu nunca vira num rapaz ou rapariga — tantas que mal se lhe via a palidez da pele por baixo delas. Lançou-me um sorriso conspirador, como se já nos conhecêssemos e tivéssemos combinado um encontro ali mesmo, no centro de um lago onde ninguém queria nadar.

Olhei para trás.

— Acho que estamos metidos num sarilho.

— Não, se ficarmos aqui para sempre — sugeriu ele.

Sorri.

— Não nado assim tão bem.

— Vou mostrar-te como podes ficar durante horas. Basta que te descontraias e deixes o teu cérebro flutuar. Estás a ver?

Deitou-se de costas com as orelhas abaixo da superfície. Só lhe via o rosto dentro de água, voltado para o céu, onde o sol deveria estar.

— Nunca ficas cansado? — perguntei mais alto, para que me pudesse ouvir.

O rapaz endireitou-se e sacudiu a água das orelhas.

— Nada!

Por isso experimentei. Estávamos agora próximos, o suficiente para ele estender a mão e tocar na minha. Vim outra vez à superfície e ri-me, enquanto tamborilava com as pontas dos dedos no braço dele.

— Eu sei — disse ele. — Sou muito sardento.

Os salva-vidas em ambas as margens continuavam a apitar — ouvia-os, mesmo com os ouvidos abaixo da superfície —, porém sabíamos que não saltariam para o lago para nos arrastarem de volta. Nem sequer os salva-vidas queriam nadar naquela água.

Não faço ideia de quanto tempo ficámos assim, mas creio que não deve ter sido tanto como me pareceu. Se esta história fosse de outra pessoa e não minha, teria sido a primeira vez que vi o meu namorado de infância.

Chamava-se Luke e nos dias seguintes arranjou maneira de chegar até mim. Por duas vezes deixou um recado na minha almofada e, um dia, depois do almoço, levou-me para as traseiras da sala de recreio com uma caixa de sapatos debaixo do braço. Assim que encontrámos um lugar escondido, destapou-a e mostrou-me uma coleção de cascas de cigarras.

— Encontrei-as nos arbustos — disse, como se fosse um grande segredo. — É o exoesqueleto. Libertam-se dele uma vez na vida. Não é fixe? — Retirou uma das cascas da caixa e meteu-a na boca.

— São muito saborosas — disse enquanto mastigava. — Porque estás a fazer essa cara de nojo?

— Não estou.

— Estás. Não sejas menina. — Pegou numa segunda casca. — Toma, prova uma. — *Crac, crac.* — Tenho de fanar um saleiro ao jantar, salgadas ainda devem ser mais saborosas.

Pôs a casca na palma da minha mão e eu fiquei a olhar. Então algo brilhou num canto escuro da minha mente: sabia que havia coisas que não se deviam comer.

Depois o apito soou para a chamada da tarde. Deitei a casca para dentro da caixa e fui-me embora a correr.

Nessa noite encontrei o terceiro recado debaixo da minha almofada. Ele escrevera os dois primeiros como se se apresentasse a uma nova correspondente: *Chamo-me Luke Vanderwall, sou de Springfield, no Delaware. Tenho duas irmãs mais novas e este é o meu terceiro verão no Acampamento Ameewagan. É a época de que mais gosto em todo o ano. Ainda bem que aqui estás. Agora tenho alguém com quem nadar, mesmo que tenhamos de infringir as regras para o fazer...*

Este era curto: *Vai ter comigo às 11 horas, dizia, saímos juntos e teremos muitas aventuras.*

Nessa noite enfiei o fato de banho por baixo do pijama. Fiquei na cama até ouvir a respiração regular das outras miúdas. Depois abri a porta de rede e escapei-me da cabana. Ele já lá estava, mesmo por trás do arco de luz do alpendre. Segui em bicos de pés, ele deu-me a mão e puxou-me para o escuro.

— Vem — murmurou.

— Não posso. — *Não devia.*

— Claro que podes. Vem! Quero mostrar-te uma coisa.

De mãos dadas, passámos pela sala do recreio aos tropeções e fomos para o acampamento dos rapazes. Minutos depois, comecei a ver as cabanas por entre as árvores, mas ele afastou-me imediatamente em direção à obscuridade.

O bosque estava vivo como nunca o vira durante o dia. O quarto minguante pairava sobre as árvores e a luminosidade era suficiente para podermos ver. Havia pirilampos por todo o lado, lançando as suas luzes verde-douradas. O que estariam a dizer uns aos outros? Havia uma brisa noturna, tão fresca que imaginei serem os pinheiros a suspirar no ar limpo, e a floresta zumbia com uma orquestra de cigarras, mochos e rãs.

Uma baforada de fumo fez-me comichão no nariz. Fora de Ameewagan, mas não muito longe, alguém fizera uma fogueira.

— Bem me apetecia um cachorro-quente — disse o Luke, melancólico. Momentos depois, mais adiante, vi o reflexo de algo, mas quando nos aproximámos, percebemos que não se tratava de uma fogueira.

Havia uma tenda vermelha no bosque, com o interior iluminado. Não era uma verdadeira tenda — do tipo das que se podem comprar numa loja, com varas de metal e um fecho-éclair, e isso tornava as coisas ainda mais misteriosas. Ele encontrara uma lona vermelha e pendurara-a num estendal esticado entre duas árvores. Por momentos fiquei ali a admirar tudo aquilo. Do sítio onde estava, podia fingir que se tratava de uma tenda mágica, onde podia entrar e descobrir-me no meio de um bazar marroquino.

— Foste tu que fizeste isto?

— Sim — respondeu ele. — Para ti.

Foi a primeira vez que me lembro de o sentir. Ao lado do Luke, na escuridão, respirei o ar morno da noite e descobri que chegava até mim o cheiro dele, até ao cotão que tinha entre os dedos dos pés. Ainda tinha aquele fedor do lago, húmido e a ovos podres. Não lavara os dentes depois do jantar e cheirava-me a pimentão dos *sloppy joes*<sup>1</sup> de cada vez que respirava.

A fome e a incerteza invadiram-me e fizeram-me estremecer. Nada sabia sobre a Penny Wilson. Tinha apenas a sensação de ter

<sup>1</sup> Sanduíche quente de carne picada, condimentada com vários molhos. (*N. da T.*)

feito algo horrível quando era pequena e de estar prestes a repeti-lo. A tenda não era mágica, mas eu tinha a certeza de que um de nós não sairia de lá.

— Tenho de me ir embora — disse eu.

— Não sejas medricas! Ninguém nos vai encontrar. Estão todos a dormir. Não queres brincar comigo?

— Quero — murmurei. — Mas...

Pegou-me na mão e levou-me para baixo da lona.

Para esconderijo improvisado, estava muito bem abastecido: duas latas de *Sprite*, uma embalagem de bolachas de figo e um saco de *Doritos*, um saco-cama azul, a sua caixa de sapatos com as cascas das cigarras, uma lanterna elétrica, um livro-jogo «Escolhe a Tua Aventura» e um baralho de cartas. O Luke sentou-se de pernas cruzadas e puxou uma almofada de dentro do saco-cama.

— Pensei que podíamos passar a noite aqui. Tirei os paus todos. O chão ainda é duro, mas imagino que seja um bom treino de sobrevivência em zonas desertas. Quando crescer vou ser guarda-florestal. Sabes o que é um guarda-florestal? — Abanei a cabeça. — Patrulham a floresta para verificarem se há pessoas a abater árvores ou a matar animais ou a fazer outras coisas más. É o que vou fazer.

Peguei no livro-jogo: *Fuga da Utopia*. Na capa viam-se dois miúdos perdidos numa selva com o chão a transformar-se num abismo debaixo dos pés. *Escolhe entre 13 finais diferentes! A tua escolha pode levar ao sucesso ou ao desastre!*

*Desastre*. Tive um pressentimento.

— *Sprite*? — Abriu uma lata e entregou-ma. — Olha, come uma bolacha de figo. — Serviu-se também de uma e começou a dar-lhe dentadinhas à volta. — Mas antes de ser guarda-florestal, vou fazer triatlos.

— O que são triatlos?

— É quando se correm cento e cinquenta quilómetros, se percorrem cento e cinquenta quilómetros de bicicleta e se nadam cento e cinquenta quilómetros, tudo num só dia.

— Isso é uma loucura — disse eu. — Ninguém consegue nadar cento e cinquenta quilómetros.

— Como é que sabes? Já experimentaste?

Ri-me.

— Claro que não.

— Bem, já sabes como boiar para sempre. É um bom princípio. Sei boiar para sempre, mas tenho também de ser capaz de nadar para sempre. Por isso vou treinar muito, durante o tempo que for preciso, até conseguir. Depois vou no meu cavalo até às Montanhas Rochosas, combater os fogos florestais e viver numa casa na árvore construída por mim. Vai ter dois andares, como uma casa de verdade, só que para lá chegarmos teremos de subir por uma escada de corda e depois descer por um varão. — Franziu a testa como se algo lhe tivesse ocorrido. — Claro que o varão terá de ser de metal para não me magoar nas farpas.

— Como é que vais comer? Vais precisar de uma cozinha, mas depois podes queimar a casa.

— Oh, vou casar-me e a minha mulher cozinha para mim. Ainda não sei se a cozinha vai ser no chão ou lá em cima na árvore.

— A tua mulher também vai ter uma casa na árvore?

— Não me parece que ela precise de uma casa só para ela, mas pode ter o quarto noutro ramo, se quiser. Talvez seja artista ou isso.

— Parece-me bem — disse eu com tristeza.

— Que se passa? Pensei que gostasses de estar ao ar livre.

— Gosto.

— Pensei que ficarias feliz com isto.

— E fico. Mas vais arranjar problemas se não voltares para a tua cabana.

— Oh, não me importo de amanhã limpar as mesas do refeitório — disse ele, com um movimento descuidado da mão. — Isto vale a pena.

*Amanhã.* A palavra parecia estranha, como se já não quisesse dizer nada.



— Não era isso que eu queria dizer.

— Podes preocupar-te com isso amanhã. Senta-te ao meu lado e vamos jogar ao burro antes de irmos dormir.

Assim fiz e o Luke agarrou no baralho de cartas. Começámos a jogar. Levantou as cartas e eu escolhi uma (o burro, claro). Guardei-o e ofereci-lho, mas ele abanou a cabeça e disse-me que baralhasse. Eu nem pensava no jogo. Continuava a sentir o cheiro a colorau, a ovos podres e a cotão. A sua ansiedade, a sua coragem, a sua sede de ar livre: tudo aquilo tinha um cheiro, como folhas molhadas, pele salgada e cacau quente numa caneca de metal que conhecia a forma das suas mãos.

— Não quero jogar mais — murmurei.

*Ele não cresceria. Nunca seria guarda-florestal. Nunca andaria a cavalo. Nunca apagaria fogos florestais. Nunca viveria numa casa na árvore.*

O Luke largou as cartas e agarrou-me nas mãos.

— Não te vás embora, Maren. Quero que fiques.

Eu não queria. Mas queria, queria mesmo. Inclinei-me sobre ele e cheirei-o. Colorau, ovos podres, cotão. Encostei os meus lábios ao pescoço dele e senti como se endireitava de antecipação. Pousou a mão no meu rabo de cavalo e acariciou-o como se o fizesse a um cavalo. Respirou para cima de mim. Senti o cheiro do colorau e já não houve volta atrás.

Saí aos tropeções da tenda vermelha e segui em direção ao lago, até à beira do ancoradouro e atirei o saco das compras à água. Depois, despi o pijama e lancei-o também o mais longe possível. Vi a minha *T-shirt* da *Pequena Sereia* afundar-se no lago e ouvi o saco de plástico borbulhar, enquanto se enchia de água.

Deixei-me cair no ancoradouro, balançando o corpo para a frente e para trás, com as mãos a tapar a boca para impedir que o meu grito saísse, mas pressionava-me de tal forma o rosto que senti

que os olhos me iam saltar. Por fim, não consegui aguentar mais, deitei-me nas tábuas, mergulhei a cabeça e soltei-o até a água subir para me queimar o nariz.

Só quando regresssei pelo atalho que atravessava o pinhal — molhada, cheia de frio, tremendo por fora, mas horrivelmente quente e cheia por dentro — pensei na minha mãe. *Oh, mãezinha! Já não vais gostar de mim quando souberes o que fiz.*

Voltei para a minha cabana o mais silenciosamente que pude e vesti o pijama sobresselente por cima do fato de banho. Se alguém perguntasse, diria que tinha ido à casa de banho. Deitei-me na cama a tremer, enrolada como se o mundo pudesse ficar lá fora. Queria ser uma cigarra. Queria arrancar a minha pele e deixá-la nos arbustos para que ninguém me reconhecesse, nem sequer a minha mãe. Seria uma pessoa completamente diferente e não me lembraria de nada.

De manhã estava a chover e eu tinha as pontas das unhas tingidas de vermelho. Pus o poncho, escondi as mãos e corri para a casa de banho. Fartei-me de esfregar debaixo da torneira, mas, mesmo assim, continuava a ver aquilo. Uma pessoa saiu dos cubículos para lavar as mãos e lançou-me um olhar estranho. As minhas unhas não podiam ficar mais limpas.

Segui as outras miúdas até ao refeitório, tão entorpecida que nem sentia o chão debaixo dos pés. Pus-me na fila do balcão do *buffet*. Peguei numa *waffle*, mas nem lhe senti o sabor. O diretor do acampamento pôs-se à nossa frente e ligou o microfone.

— Lamentamos ter de vos dizer que um dos vossos colegas do acampamento desapareceu. Para vossa segurança, notificámos os vossos pais, que vos virão buscar a todos esta tarde. Entretanto, terminem o pequeno-almoço e regressem às vossas cabanas. Ninguém poderá ir a parte alguma aqui no acampamento até os vossos pais chegarem.

Sáímos do refeitório e encontrámos as carrinhas das estações de televisão locais no parque de estacionamento. O diretor do acampamento não quis falar aos repórteres.

As miúdas da minha cabana reuniram-se em volta da mesa de piquenique no centro do quarto.

— Ouvi o diretor falar à porta da casa de banho — murmurou alguém. — Pensam que o Luke foi assassinado.

As outras soltaram exclamações abafadas.

— Porque haveriam de pensar tal coisa? Quem foi?

— Meninas! — interrompeu a nossa monitora do outro lado do quarto. Estava de braços cruzados junto à porta de rede, a ver a chuva transformar-se em lama no passadiço entre as árvores. — Não quero mais conversas a esse respeito. Por agora basta.

Era sempre tão divertida, pronta a enraçar-nos o cabelo ou a jogar ao peixinho connosco. Se tinha perdido o seu sorriso, a culpa era minha — era minha a culpa do desaparecimento do Luke e também de toda a gente ter de ir para casa. Deitei-me na cama, voltada para a janela, a fingir que lia.

*A tempestade ruge, a água chega-nos à cintura num rio de lama. Caminhamos há dias pela selva sem encontrarmos um local seco para dormir. Fechamos os olhos, exaustos, deslizamos para abaixo da superfície e a corrente leva-nos.*

*FIM*

Fechei o livro com um profundo suspiro. *Quem me dera.*

— Ele disse que, ontem à noite, o Luke foi sozinho para o bosque — continuou a primeira miúda, desta vez em voz mais baixa. — Encontraram o saco-cama dele e estava cheio de sangue.

— Eu disse *basta!*

Mais ninguém falou. As outras começaram a fazer mais pulseiras da amizade, enquanto eu fiquei num canto a desejar ter

o poder de me fazer desaparecer. Uma hora depois, chegaram os primeiros pais e as miúdas começaram a sair uma a uma, de mochilas às costas.

A minha mãe chegou, pálida e silenciosa, e levou-me para o parque de estacionamento. Os outros pais ficaram em grupos, de braços cruzados ou nervosos, fazendo tilintar os porta-chaves. Falavam baixo entre eles, mas consegui ouvir parte do que diziam.

*«Só fazia o que lhe apetecia... não tinha nada que estar no bosque... neste acampamento não há disciplina... O diretor não faz nada de jeito... Felizmente a minha Betsy porta-se melhor... Disseram que, de certeza, não foi um urso... O saco-cama estava praticamente encharcado em sangue; dizem que não há possibilidade de ele estar vivo... Suponho que vão drenar o lago... Ouvi dizer que vão interrogar toda a gente num raio de quinze quilómetros... Dizem que deve ter sido alguém que more aqui perto...»*

Onde estavam os pais *dele*? Se aparecessem antes de a minha mãe me levar, olhariam para mim e saberiam que tinha sido eu? Larguei a mão dela e corri para a cabana.

Estava vazia e os lençóis tinham sido amontoados no chão. Aos tropeções, aproximei-me do meu beliche no canto e deixei-me cair no colchão nu para esconder a cara na almofada velha e granulosa. A minha mãe entrou e sentou-se na beira da cama.

— Maren — murmurou. — Maren, olha para mim.

Ergui o rosto da almofada, mas não tive coragem de a olhar nos olhos.

— Olha para mim. — Olhei para ela. Estava misteriosamente calma, para quem sabia que a filha comera uma pessoa. — Diz-me que não é verdade — pediu.

Escondi de novo o rosto.

— Não posso.

Teve de me levar ao colo para o carro. *Pobre miúda*, diziam os pais. *Está a ser muito difícil para ela.*

\*

A minha mãe queria partir imediatamente. Apesar de o acampamento Ameewagan distar três horas de carro, o diretor tinha a nossa morada e, se descobrisse que eu estivera com o Luke nessa noite, saberiam onde nos encontrar. Ela explicou-me tudo isto com muita calma e mandou-me arrumar as coisas o mais depressa possível.

— Vamo-nos embora assim?

Afrouxei o cinto de segurança, inclinei-me para diante e encostei o queixo ao banco da frente. Fixei os limpa para-brisas que rangiam e observei o asfalto a desaparecer como uma mancha debaixo do capô do carro, até ficar com os olhos a chorar. Senti-me estranha. Iria para o terceiro ano noutra escola?

— Não sei que mais hei de fazer.

— Disseste que deveria dizer sempre a verdade.

Ela suspirou.

— Pois, sim, e é o que deves fazer. Mas já pensei nisto, Maren. Não podemos dizer a ninguém. Ninguém acreditaria.

— Mas se eu lhes falasse do Luke e tu lhes contasses da Penny...

— Não é assim tão simples. Por vezes as pessoas confessam um homicídio que não cometeram.

— Porque fazem isso?

— Porque precisam de atenção, creio eu.

Seguimos em silêncio, mas as palavras da minha mãe pairavam no ar: um homicídio e eu cometera-o, o que me transformava numa assassina. Pensei no Luke, no seu cavalo, na sua casa da árvore e em como nadaria cento e cinquenta quilómetros. Tentei não me lembrar nos dedos dele, do *sloppy joe*, ou de como o seu sangue era quente e sabia a moedas velhas.

Tinha uma cigarra no meu ouvido. Saíra da sua casca e continuava a zumbir atrás do meu olho direito. Afundei-me no assento e encostei a testa à janela, o que fez com que o sussurro aumentasse.

*Sou sardento. Não sejas menina. Tenho de aprender a nadar para sempre.*

O ouvido começou a doer-me, mas disse para comigo que aquilo não era nada comparado ao que ele sentira.

— Mas disseste que ninguém consegue mesmo safar-se do que quer que seja — murmurei.

Ela não respondeu durante um ou dois minutos e pensei que não o fosse fazer.

— Um dia terás de responder por isto — disse ela com os olhos na estrada. — Um dia alguém acreditará em ti.

*Preferia responder por isto agora*, pensei. Esfreguei o ouvido. *Leva-me, bocado a bocado. A minha vida pela dele.*

A minha mãe olhou para mim pelo retrovisor.

— O que se passa?

— Dói-me um ouvido.

Quando estacionámos no caminho de acesso à nossa casa, a dor já quase eclipsara o horror da noite anterior. Ouvi-a resmungar enquanto me tirava do carro.

— Bem *sabia* que aquele lago estava poluído... Não creio que te tenham dado gotas para os ouvidos depois de teres ido nadar... Nunca devia ter deixado que fosses para aquele estúpido acampamento... — Mas a voz dela parecia estranha, como se estivesse no fundo do mar. Meteu-me na cama e tirou dois comprimidos de *Tylenol* de um frasco.

Nessa noite, um homem ajoelhou-se junto à minha cama e furou-me o tímpano com uma faca tão afiada que era invisível. Claro que também não consegui ver o homem, mas sabia que ele lá estava, picando-me ao som do bater do meu coração. *Faca, dá a volta, faca, dá a volta*. Sonhei que me mostrava o tímpano na ponta da faca e o encostava aos meus lábios. Os seus dedos eram compridos e ossudos e o seu hálito gelado. A minha mãe deixara a luz do corredor acesa, mas não consegui ver-lhe a cara. Talvez não a tivesse.

Voltei-me e uma sombra cobriu a porta.

— Maren? — A minha mãe correu para a cama e meteu o dedo na minha boca, tal como fazia quando eu era bebé. — Que se passa? O que estás a mastigar?

*O meu tímpano.*

Ela caiu de joelhos. Encostou a face à cama e começou a chorar. *Ela vê-o, pensei. Ela sabe quem é, mas não consegue fazer com que ele se vá embora.*

De manhã ouvi-a telefonar para a agência de trabalho temporário e disse-lhes que não conseguiria terminar o contrato. A seguir veio com um copo de *ginger ale* que mexia com uma colher.

— Sei que ele me está a castigar — disse eu.

Ela olhou-me com curiosidade.

— Quem?

— Deus.

— Maren... — A minha mãe sentou-se na beira da cama, fechou os olhos e esfregou a cana do nariz. — Deus não existe.

— Como é que sabes?

— Ninguém sabe, mas creio que se pode dizer que Deus é uma coisa que as pessoas inventaram para que as suas vidas façam sentido. Para que haja quem possam culpar quando acontecem coisas terríveis.

As palavras que ia dizer, mas não disse, pairaram no ar quando me deixou só. *Se Deus não existe, as nossas vidas fazem sentido.*

Passei dias sem comer. Não bebi o *ginger ale* e cerrava os dentes quando ela tentava dar-me o antibiótico. Via manchas diante dos olhos, os meus lábios murcharam e ficaram gretados e a minha boca era um deserto, mas não quis saber. A dor de ouvidos transformara-se num latejar surdo. Mal ouvia a minha mãe quando ela me implorava que bebesse.

— Estás tão desidratada. — Puxava-me pelos ombros para me obrigar a sentar, mas eu era um peso morto.

— Se continuas assim, terei de te levar para o hospital.

Eu não ouvia, não me mexia. Assim que fechei os olhos, tudo se desvaneceu.

\*

Quando acordei estava no hospital, na pediatria. A minha mãe estava sentada numa cadeira ao lado da cama a roer a unha do polegar, com o olhar vazio e um livro de bolso, muito folheado, aberto no colo. Uma enfermeira estava junto a mim, do outro lado, a sorrir vagamente, enquanto mexia na agulha espetada no meu braço.

— Está tudo bem — murmurou, afastando-me o cabelo do rosto como se me conhecesse. — Agora vais ficar boa.

A minha mãe pôs o livro no parapeito da janela e inclinou-se quando a enfermeira se afastou para o outro extremo do quarto e foi encher na torneira um pequeno copo de papel. Pegou-me na mão, mas não disse nada. A minha mãe não tentaria consolar-me com coisas que não eram verdade.

— Porque me trouxeste para aqui? — Mesmo depois do que eu fizera, ela queria que eu continuasse viva.

— Sou tua mãe — disse ela. — Tinha de o fazer.

— Porque gostas de mim?

Ela hesitou um instante tão breve, que ninguém teria reparado.

— Claro — respondeu e soltou-me a mão quando a enfermeira chegou com o copo de água.

— Deves ter muita sede — chilreou a enfermeira.

Mais tarde, nesse mesmo dia, uma mulher que não era a enfermeira apareceu à porta e pediu para falar com a minha mãe. Foram juntas para o corredor e ausentaram-se durante muito tempo.

A enfermeira regressou com um novo saco de soro.

— Ora, ora! Estou muito contente por ver que já tens alguma cor nas faces. Agora que estás acordada, podemos dar-te comida de verdade. Que tal um hambúrguer para o jantar? Gelatina ou gelado para sobremesa? — Tocou com o pé no pedal do caixote de lixo cirúrgico e deitou fora o saco de soro vazio. — Ou talvez gelatina e gelado? — Lançou-me um novo sorriso, *o nosso segredinho*. — Amanhã,



se voltares a comer e a beber, tiramos-te o soro. És uma menina com sorte, Maren.

A sorte não era nenhuma. Uma mulher desconhecida tratava-me pelo nome num lugar cheio de cheiros estranhos, vozes ríspidas e ruídos mecânicos. Encolhia-me quando ela pronunciava o meu nome.

— Quero a minha mãe — disse eu. — Quem é aquela mulher que saiu com a minha mãe?

— É uma assistente social. Quer ajudar a tua mãe para que fiques melhor.

Claro que era mentira. Fiquei a olhar para a enfermeira até ela afastar os olhos e se apressar a sair do quarto.

Talvez uma hora depois, a minha mãe voltou. Parecia de facto muito cansada.

— O que é que ela queria? — perguntei.

— Pensava que eu não te dava de comer.

— O que lhe disseste?

— A verdade... ou melhor, parte dela. Disse que tinhas ficado perturbada porque um amigo teu do acampamento de verão tinha... — suspirou. — Tive de lhe dar pormenores, de contrário não acreditaria em mim. — Juntou o polegar ao indicador. — Estiveste *a esta distância* de ser entregue a uma família de acolhimento. — Olhei para ela espantada. Poderia ter passado a ser o problema de outra pessoa. — Por favor, trata de comer e de beber tudo o que te trouxerem, para podermos sair daqui, está bem?

No dia seguinte, logo de manhã, antes de a minha mãe ter chegado, a assistente social voltou com a sua prancheta. Apertou-me a mão, disse que se chamava Donna e fez-me perguntas acerca da minha mãe e de como era a nossa vida. Disse-lhe que a minha mãe sempre tomara bem conta de mim. Que eu sempre tivera muita comida e a Donna ficou a olhar para mim, enquanto eu picava os ovos mexidos com um garfo de plástico. Por fim, esgotou as perguntas e deixou-me em paz. Não perguntou nada do acampamento.

Tive alta no dia seguinte. A minha mãe rodeou-me com o braço enquanto nos dirigíamos para o carro e, quando entrei, vi metade do banco de trás cheio até ao teto de sacos de lixo e caixas de cartão. Havia mais sacos no lugar do passageiro e, sem dúvida, ainda mais na mala do carro. Enquanto eu comia gelatina num copo de plástico, ela estivera a encher o carro com a parte das nossas vidas que lá cabia.

# ESTA RAPARIGA NÃO PARTE CORAÇÕES, ELA DEVORA-OS.

Maren Yearly quer o mesmo que qualquer rapariga da sua idade. Tornar-se alguém que os outros admirem e respeitem. Ser amada. Mas Maren tem um segredo que a torna diferente, impulsos que não consegue controlar. E odeia-se pelas coisas más que o seu instinto a pressiona a fazer, por aquilo que causa a si e à sua família.

Porque Maren não se limita a partir corações, ela devora-os. Desde o dia em que a sua mãe encontrou um osso da orelha da ama na sua boca, quando ela tinha apenas dois anos, soube que a vida não seria normal para nenhuma das duas.

Quando, no seu décimo sexto aniversário, a mãe a abandona com apenas algum dinheiro e a sua certidão de nascimento, Maren decide partir em busca do pai, que nunca conheceu, determinada a encontrar as suas origens e a razão para ser como é.




Confrontada com um mundo onde, pela primeira vez, conhece outros comedores e inimigos, mas também a possibilidade inesperada do amor, Maren percebe que não está apenas à procura do pai, está à procura de si própria. A verdadeira questão é: será que vai gostar da rapariga que encontrar?

«Um romance único, ousado e imperdível.»

*RT BOOK REVIEWS*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt  
 @penguinlivros  
 sumadeletrasportugal

ISBN 9789897848063



9 789897 848063 >